

Léon Denis

O Progresso

A scenic sunset over a body of water. The sun is low on the horizon, casting a bright orange glow across the sky and reflecting on the water. A sailboat is visible on the left side of the water. In the background, there are silhouettes of mountains or hills. The overall atmosphere is peaceful and serene.

CAPÍTULO II – O progresso através dos tempos

O PROGRESSO – (CAPÍTULO II)

Índice

Assunto	Origem	Pagina
O Progresso através dos Tempos	O Progresso	03
Sinais dos tempos	O Consolador	08
Nossos hábitos e a lei do progresso	O Consolador	11

O PROGRESSO – (CAPÍTULO II)

O progresso – Léon Denis

Capítulo II – O Progresso através dos Tempos

A idéia que se faz dos primeiros tempos da humanidade é geralmente falsa. Criou-se, a propósito, uma multidão de lendas religiosas, lendas da idade de ouro, do paraíso terrestre, sob cuja narrativa nossa infância foi embalada.

A Ciência fez justiça dessas invenções, encontrou, nas camadas geológicas que compõem a crosta terrestre, os instrumentos e os objetos de que se serviam os primeiros homens e, com o auxílio desses restos, ela reconstituiu toda sua existência.

Esses primeiros homens eram o que são ainda hoje os selvagens da Oceania. Viviam em luta contínua com os animais ferozes que pululavam pela Terra, habitando cavernas ou construindo cabanas sobre estacas, acima dos lagos.

Tinham, como armas e instrumentos, apenas pedras talhadas em forma de machados, facas e lanças; para vestimenta as peles das feras que eles matavam. Pouco a pouco, no passar dos tempos, aparecem os instrumentos de metal, o bronze, as cerâmicas, enfim o ferro, com cujo auxílio o homem talha a pedra, fende os troncos das árvores e constrói cidades.

Então, no céu da humanidade aparece a aurora pálida e confusa de uma civilização rudimentar.

O homem constrói a primeira cidade (civitas), de onde nasceu a palavra civilização, e desde então, com a vida em sociedade, começa a vida moral.

A vida isolada é a vida egoísta, a vida selvagem; a vida em comum é a vida moral, que faz nascer o direito e o dever, a única para a qual o homem foi criado, na qual este pode desenvolver suas faculdades, descobrir as leis de justiça que regem as sociedades e os mundos.

Inicialmente, é nas vastas planícies do Oriente que a civilização nascente passeia com a sua flama. Ela procura um asilo seguro, uma casa preparada e não a encontra. Acende grandes fogos que iluminam a terra, mas que logo se extinguem, e o progresso nascente vai de cidade em cidade, de povo em povo, sem encontrar onde parar.

Ela parte da Índia, brilha um momento na Babilônia e depois troca a Babilônia por Nínive.

De Nínive passa para os Persas e daí para o Egito, deixando atrás de si impérios arruinados pela corrupção e pela indolência, cidades destruídas no meio das orgias e da carnificina.

Essas cidades eram imensas e esses impérios prodigiosos.

Vamos agora às planícies orientais buscar os túmulos dessas civilizações desaparecidas. Não resta nada!

O vento dos desertos varreu a poeira das antigas cidades e o árabe, que é o único que hoje percorre essas solidões ao galope de seu cavalo, ele próprio não saberia dizer em que lugares outrora aquelas existiram. Do Egito a civilização passa para a Grécia e lá ela se expande. É que ali, finalmente, ela encontrou o lugar, a casa tão procurada, de onde vai brilhar sobre o mundo. Debaixo do belo céu da Grécia, o gênio humano vai se revelar pelas criações artísticas que permanecerão pelos tempos futuros e pelos modelos de pureza e de harmonia.

Monumentos como o mundo jamais verá, estátuas de uma perfeição de formas ideal se elevam nas cidades gregas e, ao mesmo tempo em que o sentimento do belo se revela com tanto

O PROGRESSO – (CAPÍTULO II)

esplendor, a filosofia grega oferece ao futuro essas criações do pensamento que ainda servem, depois de vinte séculos, para a educação de nossos filhos.

Todavia não é apenas a Arte e a Filosofia que brilham na Grécia com um fulgor tão vivo. Nela também a civilização se manifesta pelas instituições políticas e sociais de uma grande perfeição.

Nas repúblicas gregas gozava-se de uma liberdade maior que aquela que nós próprios possuímos. Cada cidadão participava da soberania nas tarefas do país; pobres e ricos, todos eram iguais em direitos e a justiça era distribuída gratuitamente.

Comparando as instituições gregas com as nossas, os pensadores se desiludiram do progresso, crendo que jamais a civilização grega havia sido igualada e que, após tantos séculos de decadência, a humanidade não havia chegado ainda a esse nível.

Entretanto não nos enganemos, senhores; essa é uma opinião errada. Julga-se mal a civilização grega, analisando-a somente pelo seu brilho. Essa civilização é mais de superfície e não de profundidade.

Eu me explico: tomemos Atenas como exemplo. Ela possuía vinte mil cidadãos, gozando de todos os direitos civis e políticos, beneficiando-se dos princípios de liberdade e de igualdade que são a força e a grandeza das sociedades humanas, entretanto a população de Atenas era de mais de duzentos e vinte mil habitantes. Que eram então os outros duzentos mil? É aqui que chamo toda a vossa atenção; é aqui que está a solução do problema. Os outros duzentos mil habitantes de Atenas eram escravos, isto é, homens mortos para a vida política, mortos para a vida social.

E exaltam, agora, a superioridade das instituições gregas sobre as nossas. A escravidão! Eis o abismo que separa as civilizações antigas da civilização moderna.

A Grécia, corrompida pelo luxo, pelas divisões internas, pela indolência (conseqüência inevitável da escravidão), deixa passar para as mãos de Roma a flama da civilização nascente.

Enquanto os romanos permanecem sóbrios, virtuosos, insensíveis à fadiga, eles dominam o mundo antigo e imprimem a essa confusão de nações, agrupadas em volta do Mediterrâneo, um espírito de ordem e disciplina e uma organização sábia que os homens ainda admiram. Eles cobrem a terra com esses prodigiosos trabalhos, cujas ruínas despertam nossa admiração; porém, desde que o vício e a corrupção invadem o Império Romano, essa poderosa civilização se desmorona por toda parte.

Das regiões do Norte, das florestas da Germânia, ondas de bárbaros se lançam sobre o império e o esfaļam, dividem-no, reduzindo-o a poeira.

Os povos se entrecrocaram, se exterminam, sobrepondo ruínas sobre ruínas, e nesse grande cataclismo a arte, a civilização, tudo se arruína, tudo desaparece.

Então começa, para a humanidade, para o progresso, uma noite de doze séculos, doze séculos de dor, de trevas, que vão pesar no mundo até a Renascença e até a Reforma. É a Idade Média, a idade de ferro, a idade do feudalismo, a idade onde as fogueiras crepitam, onde o sangue corre em torrentes nas salas de tortura, onde as incontáveis forças se erguem com os seus frutos sinistros.

Em nosso país os conquistadores do norte repartiram a terra e os filhos dos gauleses se tornaram servos. Ah! quem poderá dizer, quem poderá medir tudo quanto sofreram nossos antepassados. Agregados ao solo, não são mais homens, porém bestas de carga.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO II)

Todavia uma nova fé aparece no mundo. Ao paganismo romano sucedeu a religião do Cristo. A voz do grande sacrificado bradou do alto do Calvário, dizendo a todos: “Amai-vos!” E uma doutrina de paz, de fraternidade se expandiu pela Terra; porém, enquanto o Cristianismo dos primeiros tempos era grande e puro em sua austera simplicidade, o Catolicismo da Idade Média era esmagante e impiedoso para os pequenos. As doutrinas católicas fizeram do céu a imagem da Terra. Deus reina ali, cercado de seus santos, da mesma forma que aqui embaixo o rei no meio de seus senhores e o senhor no meio de seus vassallos.

Os conquistadores, os vencedores são os nobres, os eleitos; os vencidos são os servos, os vilões e os reprovados.

Para uns as festas, o prazer, a vida alegre; para os outros o trabalho sem descanso, as privações, a miséria, o medo do diabo e a perspectiva do inferno. Acima de tudo domina o arbítrio; a graça reina no céu, aqui reina o favor; o direito e a justiça, em nenhuma parte. Aliás, não havia então a justiça, porém as justiças.

Ainda existem várias localidades com esse nome. Quando se escava a terra, descobrem-se camadas de ossos, esqueletos retorcidos e esquartejados. Sabem o que eram essas justiças? Eram os lugares onde se elevavam os poderes senhoriais e esses cadáveres são dos pobres servos que tentaram sacudir um jugo muito duro!

Não lembramos todas essas coisas com o objetivo de reavivar ódios extintos. Não, ódio não temos mais. Devemos alertar os homens que preconizam as instituições da Idade Média, que as elogiam e que, se pudessem, fariam-nas renascer. Com a mão sobre a História, devemos responder e dizer uma coisa: a verdade!

A verdade é que o povo da Idade Média esteve curvado durante mais de dez séculos sob o peso de todas as opressões. Acorrentado à terra que ele cultivava, considerado como um objeto, o servo vivia uma vida de animal, atrelado ao moinho que ele movia o dia inteiro.

Coberto de farrapos, habitando cabanas sórdidas, o servo se alimentava do que a conveniência do senhor lhe quisesse deixar.

Sem alegria no presente, sem esperança no futuro, ele não era livre para dispor dos seus, de sua esposa, de seu filho, propriedade do senhor. Cada recém-nascido do servo era um escravo, um miserável a mais sobre a Terra. Por vezes, quando o senhor se mostrava mais cobiçoso, quando os participantes da guerra saqueavam as províncias, a vida se tornava tão difícil, a fome fazia tais devastações, que os servos, tangidos pela fome e pelo desespero, se revoltavam em massa e sob o nome de Jacques e de Pastoureaux, iam buscar na morte o esquecimento e o fim de tantos males.

Eis o que era a existência para o povo daquela época que escritores chamam ainda de bom velho tempo, sim o bom tempo para os senhores e para os monges!

Eis o que eram nossos antepassados, os servos; sim, nossos antepassados!

Confessemos bem alto, filhos do povo, nós somos os filhos dos servos, dos vilões.

É nosso título de nobreza e nós o desejamos fortemente. Somos os descendentes daqueles que regaram a terra com seus suores para alimentar a humanidade e eis por que praticamos a santa lei do trabalho, pois amamos a justiça. Eis por que glorificamos 1789, porque 89 veio dizer a esse servo:

O PROGRESSO – (CAPÍTULO II)

“Que esta terra que tu regas com tuas lágrimas seja tua terra! Que esta casa te pertença; que tua filha seja sagrada para todos. Que a noite que envolve tua alma se dissipe com a luz da instrução, a fim de que uma existência nova comece finalmente e que a hora da reparação soe para ti!”

No meio dessa sombria época em que domina o feudalismo unido à teocracia romana, como se reduz o pensamento!

O pensamento parece encoberto, obscurecido e extinto para sempre. Todavia não nos enganemos: o pensamento não está morto; ele vela, faz sua caminhada, tímida e subterraneamente, porém caminha.

É como a semente durante o inverno: enterrada no solo, fermenta lentamente, até quando possa nascer para a luz e produzir seus frutos.

Cedo o pensamento apresenta sua preciosa sementeira; é a primavera, a renascença do progresso e da razão! O pensamento humano desperta e busca sacudir o peso que o esmaga.

Emprega-se contra ele o ferro, o fogo, a tortura, porém inutilmente. Ele se fortifica nos suplícios e cresce sempre.

Pensam esmagá-lo logo, na cruzada contra os Albigeois, porém eis que reaparece com Jean Huss, Jerônimo de Praga, os Vaudois.

Para o carrasco, Jean Huss! Para o carrasco, Jerônimo de Praga, para o carrasco, todos os renovadores!

E os inquisidores da fé vão por toda parte, usando seu machado, sua tocha e os instrumentos de suplício. Ondas de sangue correm em nome de um Deus de misericórdia e incontáveis vítimas são sacrificadas.

Oh! Então o germe da heresia deve ser aniquilado, porém eis que dos vales da Europa Central se eleva um grito de protesto contra os excessos do Catolicismo, um grito formidável de liberdade.

A razão reaparece com os apóstolos da Reforma. A unidade católica se partiu e o jugo da teocracia romana foi rejeitado por vinte milhões de homens.

O Protestantismo proclama o princípio do livre exame e, apesar dos punhais de Saint-Barthélemy, apesar dos sabres dos dragões, do exílio e da Bastilha, é desse princípio do livre exame, ampliado e fortalecido, que sairá a filosofia do século XVIII e o livre pensamento moderno.

E eis que o pensamento renascente descobre um recurso para se expandir no mundo, um instrumento admirável. Um homem funde caracteres de metal que se agrupam e formam palavras: é a imprensa.

Graças a ela, o livro, tão raro, tão custoso quando era só um manuscrito copiado a pena, o livro e, mais tarde, o jornal vão penetrar até nas mais humildes residências, iniciando o camponês e o operário na vida intelectual; arrancando, um a um, de suas almas os instintos grosseiros que a servidão engendra, preparando-os para a liberdade.

Desde então, o pensamento toma seu impulso e avança com passo rápido.

A Arte resplandece; a Ciência sonda os céus profundos e revela a suprema harmonia dos mundos.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO II)

A Filosofia cuida dos maiores problemas, a História se esclarece. A Igreja e os tronos ficam abalados, as velhas crenças e as superstições batem em retirada; a razão e a consciência se expandem e esse imenso trabalho de elaboração, que dura três séculos, chega enfim à formidável explosão moral que denominamos Revolução de 89, explosão esta que, abalando a velha sociedade autoritária e feudal, fez nascer na face do mundo a moderna civilização, apoiada em bases inabaláveis: o direito e a liberdade.

A Revolução é para nosso país, para nossa raça, o que é, para cada um de nós, a hora de sua maioridade.

É a sociedade humana tomando posse do governo de si mesma, substituindo o reino da justiça ao do favor, a lei ao belprazer, a liberdade à escravidão.

Na ordem política e social, o passado, para dirigir os homens, invoca uma vontade superior, uma vontade exterior à consciência.

É nas crenças obscuras, nas revelações sobrenaturais, é muitas vezes na forma brutal que as instituições da Idade Média encontram as fontes da autoridade. A Revolução põe as bases da nova ordem social sobre leis imutáveis da natureza e sobre os eternos ensinamentos da razão. Nada de milagres, nem revelações. É na consciência humana que se encontram os princípios que darão autoridade para todos, quando forem proclamados pela vontade nacional e convertidos em leis pelos eleitos do povo.

Eis o direito moderno e não apenas o dos franceses, porém o de todos os homens, direitos que, acompanhados dos deveres correspondentes, ficarão inscritos um dia em cada povo no alto de sua Constituição.

Os constituintes de 1789 não falaram somente para a França, mas para o mundo inteiro. É a grandeza e a glória imortal da Revolução Francesa, por ter inaugurado esses princípios de igualdade, solidariedade e fraternidade em torno dos quais as nações se unirão um dia como membros de uma única família, da grande família universal.

Senhores, nessa rápida exposição da marcha do progresso através dos tempos, eu paro na Revolução.

Com efeito, a Revolução é o abismo que se coloca entre duas épocas: uma marcando a infância da humanidade e a outra sua idade adulta. Antes da Revolução, o mundo olha para trás e acredita na queda, na decadência, pondo toda sua confiança nas lendas religiosas.

A partir de 1789, o mundo olha o futuro, o homem só conta com sua própria iniciativa, seu trabalho, seu gênio, para criar esse futuro que será tanto maior quanto maiores forem os esforços para prepará-lo. A Revolução, é preciso dizê-lo, se fez no meio de uma geração que não tinha maturidade.

A ignorância, a luta de interesses egoístas impediram o desenvolvimento durante oitenta anos. Hoje, amadurecida pelas provas, nossa geração religa a cadeia interrompida do progresso.

Pacífica, porém resolutamente, ela retoma a obra de nossos antepassados para continuá-la em todas as suas conseqüências lógicas, para realizar a emancipação intelectual e moral do gênero humano.

Vejam, portanto, o que é o presente, a quem está reservada essa tarefa, o que faz sua força, o que faz sua fraqueza, o que temos de fazer nós mesmos para torná-lo grande e frutífero.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO II)

Crônicas e Artigos

Nº 392 – 07/12/2014

O Consolador – (Rogério Coelho)

I. O progresso através dos tempos

Sinas dos tempos

A humanidade é um ser coletivo em quem se operam as mesmas revoluções morais por que passa todo ser individual, com a diferença de que umas se realizam de ano em ano e as outras de século em século... Acompanhe-se a humanidade em suas evoluções através dos tempos e ver-se-á a vida das diversas raças marcada por períodos que dão a cada época uma fisionomia especial.

Sua marcha progressiva se opera de duas maneiras:

Uma gradual, lenta, imperceptível mesmo, se se considerarem as épocas consecutivas, a traduzir-se por sucessivas melhoras nos costumes, nas leis, nos usos etc., melhoras essas que só com a continuação se pode perceber, como as mudanças que as correntes d'água ocasionam na superfície das pedras.

Outra, por movimentos relativamente bruscos, semelhantes aos de uma grande torrente que, rompendo os diques que a continham, transpõe em alguns anos o espaço que levaria séculos a percorrer... É, então, um cataclismo moral que devora em breves lapsos de tempo as ancilosas Instituições do passado e ao qual sobrevém uma nova ordem de coisas que pouco a pouco se estabiliza, à medida que se restabelece a calma e que acaba por se tornar "definitiva". (Mas não por muito tempo, vez que o progresso é uma lei dinâmica da Natureza.)

Àquele que viva bastante para abranger com a vista as duas vertentes da nova fase, parecerá que um mundo novo surgiu das ruínas do antigo. O caráter, os costumes, os usos, tudo está mudado. É que, com efeito, surgiram homens novos, ou melhor, regenerados. As ideias, que a geração extinta levou consigo, cederam lugar a ideias novas que desabrocharam com a geração que se ergue.

Tornada adulta, a humanidade tem novas necessidades, aspirações mais vastas e mais elevadas; compreende o vazio com que foi embalada, a insuficiência de suas Instituições para lhe dar felicidade; já não encontra no estado das coisas as satisfações legítimas a que se sente com direito. Despoja-se, em consequência, das faixas infantis e se lança, impelida por irresistível força, para as margens desconhecidas, em busca de novos horizontes menos cerceantes...

É a um desses períodos de transformação, ou se o preferirem, de crescimento moral, que ora chega a humanidade. Da adolescência chega ao estado viril. O passado já não pode bastar às suas novas aspirações, às suas novas necessidades; ela já não pode ser conduzida pelos mesmos métodos; não mais se deixa levar por ilusões, nem fantasmagorias; sua razão amadurecida reclama alimentos mais substanciosos... É demasiado efêmero o presente; ela sente que mais amplo é o seu destino e que a vida corpórea é excessivamente restrita para encerrá-lo inteiramente.

Por isso, mergulha o olhar no passado e no futuro, a fim de descobrir num ou noutro o mistério da sua existência e de adquirir uma consoladora certeza... E é no momento em que ela se encontra muito apertada na esfera material, em que transbordante se encontra de vida intelectual, em que o sentimento da espiritualidade lhe desabrocha no seio, que homens que se dizem filósofos pretendem encher o vazio com as doutrinas do nadismo e do materialismo!... Singular aberração!

O PROGRESSO – (CAPÍTULO II)

Esses mesmos homens, que intentam impelir a humanidade para frente, paradoxalmente se esforçam por circunscrevê-la no acanhado círculo da matéria, donde ela anseia por escapar-se. Velam-lhe o aspecto da vida infinita e lhe dizem, apontando para o túmulo: “Nec plus ultra”.

Quem quer que haja meditado sobre o Espiritismo e suas consequências e não o circunscreva à produção de alguns fenômenos terá compreendido que ele abre à humanidade uma estrada nova e lhe desvenda os horizontes do Infinito; inicia-a nos mistérios do Mundo Invisível, mostra-lhe o seu verdadeiro papel na criação; papel perpetuamente ativo, tanto no estado espiritual, como no estado corporal. O homem já não caminha às cegas: sabe de onde vem, por que está na Terra e para onde vai.

O futuro se lhe revela uma realidade, despojado dos prejuízos da ignorância e da superstição, agora não mais alocado nas inverossímeis utopias empiricamente esboçadas por teóricos detentores de apoucados conhecimentos transcendentais. Já não se trata de uma vaga esperança, mas de uma verdade palpável, tão certa como a sucessão do dia e da noite. Ele sabe que o seu ser não se acha limitado a alguns instantes de uma existência transitória e fugaz; que a vida espiritual não se interrompe por efeito da morte; que já viveu e tornará a viver e que nada se perde do que haja ganho em perfeição.

Em suas existências anteriores depara com a razão do que é hoje e reconhece, sem margem a dúvidas, que ele é o artifice do próprio destino, vez que compreende ser hoje o que se fez a si mesmo com seus atos pretéritos, e poderá deduzir o que virá a ser um dia pelo que hodiernamente está realizando ou deixando de realizar. Compreende assim o real sentido das palavras de Jesus registradas em Mateus, (16:27): “a cada um será dado de acordo com as suas obras”.

Que amplitude dá ao pensamento do homem a certeza da imortalidade da Alma! Que de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador do que a lei segundo a qual a vida corpórea e a vida espiritual são apenas dois modos de existência, que se alternam para a realização do progresso! Que de mais justo há e de mais consolador do que a ideia de estarem os mesmos seres a progredir incessantemente: primeiro através das gerações de um mesmo mundo; de mundo em mundo depois, até à perfeição, sem solução de continuidade! Todas as ações têm, então, uma finalidade, porquanto, trabalhando para todos, cada um trabalha para si e reciprocamente, de sorte que nunca se podem considerar infecundos nem o progresso individual, nem o coletivo, vez que de ambos aproveitarão as gerações e as individualidades porvindouras, que outras não virão a ser senão as gerações e as individualidades passadas, em mais alto grau de adiantamento.

A fraternidade será a pedra angular da nova ordem social; mas, não há fraternidade real, sólida, efetiva, senão assente em base inabalável e essa base é a **fé**, mas não a fé em tais ou tais dogmas particulares, que mudam com os tempos e os povos e que mutuamente se apedrejam, porquanto, anatematizando-se uns aos outros, alimentam o antagonismo, mas a fé nos princípios fundamentais que toda a gente pode aceitar e aceitará: Deus, a Alma, o futuro, o progresso individual e coletivo indefinito, a perenidade das relações amigáveis entre os seres de todos os povos.

Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos; de que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada de injusto pode querer; que não dele, porém dos homens, vem o mal, todos se considerarão filhos do mesmo Pai e se estenderão as mãos uns aos outros.

Essa a fé que o Espiritismo faculta e que doravante será o eixo em torno do qual girará o gênero humano, quaisquer que sejam os cultos e as crenças particulares.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO II)

Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, restando as paixões más. Somente esse progresso pode fazer que entre os homens reine a concórdia, reinem a paz, a fraternidade. Será ele que deitará por terra as barreiras que separam os homens, que fará cair os preconceitos de casta e se caem os antagonismos de seitas, ensinando aos homens a se considerarem irmãos que têm o dever de se auxiliarem reciprocamente e, não, destinados a viver à custa uns dos outros.

Hoje a humanidade está madura para lançar o olhar a alturas e horizontes nunca antes divisados, a fim de nutrir-se de ideias mais amplas e compreender o que antes não compreendia.

A geração que desaparece levará consigo seus erros e prejuízos; a geração que surge, retemperada em fonte mais pura, imbuída de ideias mais sãs, imprimirá ao mundo ascensional movimento, no sentido do progresso moral que assinalará a nova fase da evolução humana. Somos, pois, as testemunhas oculares e privilegiadas desse movimento regenerador que ora se opera.

Esta será a marca do Terceiro Milênio: a fronteira entre o Mundo de Provas e Expições que se esvai lentamente e o Mundo de Regeneração que surge por força da imarcescível Lei do Progresso, porque esta é a vontade de Deus.

(1) **Kardec** Allan, A Gênese, (cap. XVIII, itens 12 e seguintes.)

O PROGRESSO – (CAPÍTULO II)

Crônicas e Artigos

Nº 277 – 09/09/2012

O Consolador – (Édo Mariani)

I. O progresso através dos tempos

Nossos hábitos e a lei do progresso

Na introdução do livro “Prontidão para Mudanças”, de autoria do companheiro José Lázaro Boberg, o autor tece várias considerações sobre o hábito, cujo estudo vale ser analisado.

Ele escreve: “Muitas vezes, buscamos respostas para identificar as nossas diferenças comportamentais, fazendo retrospecto no roteiro dessa existência e verificamos que, ao lado da aprendizagem atual, existem outras, em eterno continuum, que foram sedimentadas ao longo de experiências anteriores, e não foram aprendidas só neste espaço de existência terrena. Para a Psicologia, os hábitos são construções a partir do nascimento. Vale dizer, tão-somente nesta vida. Para a Doutrina Espírita, no entanto, são reflexos das experiências acumuladas ao longo de vivências milenares, que se perdem na noite dos tempos”.

Continua ele: “A tendência do homem, em relação ao novo, é se acomodar a manter-se nos velhos hábitos, já que o Espírito, tendo sedimentado através do tempo, nas múltiplas encarnações, seus conhecimentos e experiências, sente-se mais seguro em manter o seu lado conservador. Esse arcabouço mental reflete a personalidade permanente de cada um, constituindo, assim, a estrutura psicológica do ser em evolução. Enfrentar as mudanças, transformando-se, sem desestruturar-se, é algo angustiante de ser encarado, o que leva as pessoas a se acomodarem naquilo a que já se acostumaram a fazer sem muita dificuldade.

E após discorrer sobre o universo psicológico dos homens, Boberg aponta: “Há uma ansiedade perturbadora pelo medo da transformação, pois tudo estava dando tão certo até agora!”, afirmam as pessoas. E o medo de errar: “O que vão pensar de mim?”. Surge a angústia. Dúvidas avassaladoras povoam a mente. A dúvida, o medo de quebrar tabus, de contrariar a família, o grupo social etc. levam a pessoa à acomodação ou à assimilação. Acomodando-se, estaciona por um tempo. Mudando, encara a situação, construindo uma nova visão de vida.

Mudar é encarar o novo, com coragem, encontrando novos caminhos, novas soluções. Acomodar-se é permanecer como está, desertando da transformação. O processo de aprendizagem leva-nos a mudanças constantes. O Espiritismo nos conduz à ideia de “progresso permanente”.

Para que o homem possa progredir é necessário pensar corajosamente em mudar para melhor, buscar constantemente novos caminhos, novos hábitos que construirão seu futuro de alegria e felicidade. Pensemos nisso. Mudamos agora, o possível em nós mesmos, acompanhando o progresso contínuo que palpita no Universo inteiro. Não sejamos retrógrados a mudanças, pois a negação de progredirmos causará o nosso estacionamento espiritual e o atraso em nossa caminhada para a evolução.